

## QUESTÕES A PROPÓSITO DOS NOMES PARA OCUPAÇÕES E PROFISSÕES

*Aurelina Ariadne Domingues Almeida<sup>1</sup>*

### 1 QUESTÕES INICIAIS

O estudo que ora apresentamos é o resultado parcial de algumas reflexões a propósito de nossa pesquisa de doutoramento que estamos desenvolvendo. Neste momento, a partir de pressupostos da metalexigrafia, expomos a análise de parte de microestruturas de verbetes de diferentes dicionários de uso da língua portuguesa, para lexias utilizadas, em textos medievais de natureza notarial, para nomear as ocupações e profissões em português arcaico.

### 2 METALEXICOGRAFIA: NOÇÕES BÁSICAS

A metalexigrafia – lexicografia teórica, teoria lexicográfica – enfoca a teoria e os métodos da elaboração de dicionários, vocabulários e glossários, estudando a estrutura e o comportamento lingüístico, enquanto elemento orientador e condicionador do labor lexicográfico. Entre os seus objetivos, está o estabelecimento, prévio, de princípios teóricos, para que os dicionários deixem de ser produtos de intuição (SANROMÁ, 2001, p. 51). Desta maneira, visa ao aperfeiçoamento da prática lexicográfica. Todavia, deve-se ressaltar que o seu campo de alcance é mais lato, por conseguinte, almeja ao estudo da história da lexicografia e dos dicionários, às investigações a propósito do uso dessas obras; à tipologia e à crítica das mesmas e, ainda, ao estudo de seus respectivos estatutos cultural e comercial.

O nosso estudo enquadra-se na perspectiva da metalexigrafia na medida que analisa verbetes de dicionários da língua portuguesa, considerados agentes de informações a respeito do conteúdo das formas que nomeiam ocupações e profissões em língua portuguesa em suas primeiras sincronias.

### 3. DICIONÁRIOS: MACRO E MICRO ESTRUTURAS

Como sabemos, os dicionários são uma tentativa de armazenar e descrever o acervo lexical das diferentes línguas. Enfocam, para isso, a palavra através de múltiplos olhares, embora o tipo de informação oferecida possa variar significativamente a depender dos interesses de seu organizador. Para dar todas as informações naturais a essência dos dicionários, o lexicógrafo o organiza a partir de uma macro e de uma micro estrutura.

---

<sup>1</sup> UNEB/UFBA-PPGLL

### 3.1 A macroestrutura

A macroestrutura ou nomenclatura de um dicionário, habitualmente, constitui-se pela soma de seus lemas ou entradas. Mas, deve-se observar que nem todos os lemas/entradas estão registrados da mesma forma em uma obra lexicográfica, uma vez que uns se encontram na macro e outros na microestrutura dessas obras.

As entradas ou lemas podem ser organizados, quer semasiologicamente, quer onomasiologicamente, no entanto, a primeira forma é mais usual. A extensão da macroestrutura/nomenclatura dos dicionários, como salienta Biderman (1998<sup>b</sup>, p. 131), dependerá, em primeiro lugar, do público a que a obra se destina.

### 3.2 A microestrutura

A microestrutura de um dicionário é a ordenação dos elementos que compõem o verbete lexicográfico, que é formado por um lema e pelas informações dadas sobre esta unidade. Os dados recolhidos nos verbetes podem variar de acordo com os objetivos de seus organizadores, podendo inserir informações sobre etimologia, pronúncia, ortografia, categoria gramatical e número, restrições de uso, sinônimos, antônimos, combinações léxicas, aspectos sintáticos, irregularidades morfológicas, e, logicamente, sobre a definição das diversas acepções, com exemplos de seus respectivos usos.

Conquanto as informações inseridas nas microestruturas sejam de caráter diverso, nesse estudo nos ocuparemos, tão somente, daquelas atinentes ao étimo, às marcas de uso e às acepções dadas para as palavras destacadas no *corpus* analisado. Na seqüência, caracterizaremos, brevemente, as fontes utilizadas em nosso estudo, para depois apresentarmos a análise dos dados.

## 4. FONTES UTILIZADAS

### 4.1 Os documentos

Os textos, em que aparecem as palavras que inspiraram esse trabalho, são de natureza notarial; foram escritos, entre os séculos XIII e XVI, e editados pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Clarinda Maia, encontrando-se publicados em sua *História do galego-português* (1986). A referida estudiosa editou 168 documentos relativos à área galego-portuguesa. Desses, selecionamos, para este estudo, apenas, os textos da Província de La Coruña na Galícia, que perfazem 18 documentos, escritos entre os séculos XIII e XVI, sendo que as palavras destacadas foram encontradas, unicamente, em textos do século XIII e XIV.

### 4.2 Os dicionários

Neste momento de nossa pesquisa, foram considerados, somente, três dicionários de uso: o Aurélio, o Michaëlies e o Houaiss. Todos organizados semasiologicamente e incluídos no rol de obras de modelo padrão.

## 5. ANÁLISE DE VERBETES DOS DICIONÁRIOS CONSULTADOS

Ao considerar a carência de um dicionário relativo às primeiras sincronias do português e o fato de os vocabulários e glossários de textos daqueles tempos pretéritos serem poucos, além de dispersos, indagávamos a respeito da natureza das informações dadas em dicionários de uso atual para as lexias verificadas nos documentos antigos esquadrihados: esses dicionários podem oferecer a definição do sentido contextual de palavras presentes nesses textos pretéritos? Em caso afirmativo, há concordância entre as acepções oferecidas nas diferentes obras consultadas? E quanto aos étimos indicados, há concordância e/ou divergência? Há marcas de uso? O que refletem? Afinal, o que podem nos informar esses dicionários?

Assim, examinar-se-ão os étimos, marcas de uso e as definições relativas a palavras registradas nos textos destacados, ainda que alguma consideração possa ser feita a propósito de outras definições constantes nos verbetes. Deste modo, foram escolhidas, unicamente, três palavras, a saber: *alfayate*, *despenseyro* e *forneyro*. Deve-se observar que, antes de cada comentário a propósito de cada forma, apresenta-se o contexto em que a mesma foi utilizada.

Na seqüência, vejamos os dados constantes na tabela abaixo a respeito da lexia *alfayate*:

<b>LEXIA:</b> ALFAYATE		
<b>CONTEXTO:</b> “Se algue contra esta venda véer peyte a uos ou a uosa uos o dito preço dobrado & a carte fique firme. Testemoyas: Gonçaluo Eanes, <i>alfayate</i> (...)”. [l. 19].		
<b>REGIÃO:</b> Santiago de Compostela.		
<b>DATAÇÃO:</b> 1333.		
<b>1. AURÉLIO</b>	<b>2. HOUAISS</b>	<b>3. MICHÄELIS</b>
<i>1. Indivíduo que faz roupas de homem e/ou de mulher, de talhe masculino.</i>	<i>1. Aquele que faz roupas de homem e, por vezes, vestimentas femininas com talhe masculino (costumes, paletós, terninhos etc.).</i>	<i>1. Indivíduo que talha e cose vestuários para homem.</i>
<b>ANÁLISE:</b>		
<p>Na primeira definição, o emprego da conjunção aditiva <i>e</i> leva a entender que o alfaiate faz roupas masculinas, somando-se, a essas, as femininas, sendo que, neste último caso, o corte dos trajes deverá ser especificamente masculino. O autor do verbete emprega, também, a conjunção <i>ou</i> gerando, deste modo, uma alternativa ou uma exclusão. A partir do uso desse conectivo, compreende-se que o alfaiate pode optar tanto pelos dois tipos de vestimentas, quanto pode excluir uma dessas modalidades de seu exercício. Na segunda microestrutura, apreende-se através da locução <i>por vezes</i>, que, as roupas femininas são feitas, esporadicamente, e que deverão ter, sempre, um corte masculino. A terceira e última definição é restritiva, pois, nela se afirma que as vestes devem ser feitas para os homens, não sendo as mulheres mencionadas.</p> <p>Ressalta-se que se o consulente desconhece a definição da atividade de um</p>		

alfaiate e consulta apenas um desses dicionários – em especial, o Michalëis – poderá ter uma compreensão, a esse respeito, limitada. É importante salientar que, na época em que os textos analisados foram escritos<sup>2</sup>, ainda, não existiam as roupas aludidas no Houaiss. Observa-se que, neste exemplo, o dicionário sincrônico dá pistas para o leitor de textos antigos, quando descreve o conteúdo do signo alfaiate na atualidade, mas, como é sabido, não resolve os seus problemas, pois não faz a descrição exata desse conteúdo naqueles tempos.

Deve-se atentar para o fato de não ser oferecida abonação por esses dicionários, o que seria muito interessante, uma vez que permitiriam avaliar as definições.

Quanto aos étimos fornecidos, não há divergências entre os lexicógrafos. Todos remontam à origem do lema ao árabe. O Houaiss informa ainda o sentido da forma na língua de origem ('alfaiate, costureiro' do v. khata 'coser'). Não há, outrossim, marcas de uso relativas às definições consultadas.

Sobre *despenseyro*, podemos chegar às informações expressas na seguinte tabela:

<b>LEXIA: DESPENSEYRO</b>		
<b>CONTEXTO:</b> “ <i>Sabean todos que em presença de mj Afonso Mouro, notário de Santiago, &amp; das testemoyas aqui/(...) Rodrigo Afonso (...) disso que el metya em jur &amp; em mão &amp; posissom a Loppo Payz, despenseyro do cabidóo de Santiago</i> ”. [1. 4].		
<b>REGIÃO:</b> Santiago de Compostela		
<b>DATAÇÃO:</b> 1344		
<b>1. AURÉLIO</b>	<b>2. HOUAISS</b>	<b>3. MICHÄELIS</b>
1. <i>Encarregado da despensa; ecôno.</i>	1. <i>Encarregado da despensa; ecôno.</i>	1. <i>O encarregado da despensa.</i>
<b>ANÁLISE:</b>		
<p>Nas microestruturas examinadas, não há presença de marcas de uso, nem há discordância quanto ao étimo do lema. Trata-se de uma palavra criada por derivação, cuja base lexical é <i>despensa</i> e o sufixo – <i>eiro</i>. No que diz respeito às definições dadas, estão, em conformidade, o Houaiss e o Aurélio. O Michaëlis apresenta-se diferente, pois o sinônimo <i>ecôno</i> não é informado.</p> <p>Há um problema em relação às definições das três obras; aquele que não souber o conteúdo semântico de <i>despensa</i> e/ou, nos dois primeiros casos, de <i>ecôno</i> terá de recorrer a outro verbete, para sua compreensão. Salienta-se que, mais uma vez, não é dada exemplificação do sentido descrito na definição.</p>		

Finalmente, sobre *forneyro* podemos concluir o que demonstramos na tabela a seguir:

<sup>2</sup> Segundo A.G. Cunha, a palavra paletó aparece no século XIX . Terno é de 1813.

<b>LEXIA: FORNEYRO</b>		
<b>CONTEXTO:</b> “(...) Testes: Domjgo Rabjna, frey Johan Mjguez, frades do dito moesteyro, Johan Vea, forneyro (...)”. [l. 25-26].		
<b>REGIÃO:</b> Monfero		
<b>DATAÇÃO:</b> 1367		
<b>1. AURÉLIO</b>	<b>2. HOUAISS</b>	<b>3. MICHÄELIS</b>
1. <i>Dono ou tratador de forno.</i>	1. <i>Proprietário de forno, que se ocupa de que as coisas postas no forno sejam cozidas ou assadas no tempo certo.</i>	1. <i>O que põe o pão no forno e trata dele.</i> 2. <i>O que tem forno público.</i> 3. <i>Ocupação qualificada daquele que prepara, faz funcionar e controla o funcionamento do forno.</i>
<b>ANÁLISE:</b>		
<p>Diante das informações dadas acima, destaca-se, na primeira definição apresentada, o uso da conjunção <i>ou</i> que indica uma alternativa ou exclusão, quanto ao status do forneiro (dono ou tratador). Na segunda definição, ele aparece descrito como o que tem a posse de um forno, mas que se ocupa dos afazeres relativos ao mesmo. Deve-se ressaltar que essa acepção é elaborada a partir de um registro de 1512. Na última microestrutura analisada, são separadas a atividade e a propriedade, além de ser indicada, em uma terceira parte, a existência da ocupação de forneiro.</p> <p>Devemos ressaltar que, neste caso, o contexto é opaco não permitindo escolher entre o dono e o que se ocupa do forno. Todavia, optamos pelo que exerce as tarefas relativas ao forno, pelo fato de sempre estar presente, neste e em outros documentos, a atividade do indivíduo que testemunha as doações, os testamentos, as vendas etc e por ter o sufixo – <i>eiro</i> função agentiva.</p> <p>Quanto ao étimo, verificamos que o Aurélio e o Houaiss dão-lhe a mesma origem; seria essa uma voz provinda do latim tardio (<i>furnariu</i>). Contudo, o Michëlis a indica como uma palavra vernácula, criada a partir da base <i>forno</i> e do sufixo – <i>eiro</i>. Por conta dessa divergência, consultamos dois dicionários etimológicos, organizados respectivamente, por Antônio Geraldo da Cunha (1986) e por José Pedro Machado (1956-69), para dirimir nossas dúvidas. A partir da pesquisa feita nestas obras, verificamos que o primeiro lexicógrafo dá, também, a forma do latim tardio <i>furnarius</i> como origem de <i>forneiro</i>. O segundo ainda que informe tratar-se de uma voz oriunda de <i>forno</i>, deixa a questão entreaberta, quando afirma que a mesma pode vir do latim tardio <i>furnariu</i>. Neste momento de nossa pesquisa, optamos pela proveniência do latim tardio, considerando a sua frequência nas obras consultadas e porque as mutações regulares do latim ao galego-português a explicam sem problemas. Vale chamar a atenção para o fato de o AGC indicar como primeira datação 1813 e o Houaiss 1512.</p> <p>Para concluir estas linhas atinentes ao signo <i>forneiro</i>, devemos apontar a inexistência de marcas de uso nas microestruturas consultadas.</p>		

## 6. ÚLTIMAS PALAVRAS

A nossa pretensão foi oferecer uma simples amostragem da utilização de dicionários de uso sincrônico, almejando a obtenção de informações a propósito do conteúdo de formas registradas em textos pretéritos. A partir da análise dos dados obtidos, detectamos algumas discordâncias quanto às definições dadas nas obras lexicográficas sincrônicas, em oposição aos sentidos registrados nos textos focalizados, contudo, é obvio que um dicionário de uso padrão da língua portuguesa não tem a pretensão de armazenar e descrever todo o tesouro léxico do português, desde os seus primeiros estágios. Vale salientar que a consulta a tais obras não deve ser descartada, pois pode nos fornecer pistas sobre o emprego daquelas formas naqueles tempos passados. Afinal, deve-se atentar que, em face à dificuldade do estabelecimento de fósseis lexicais, muitas vezes, o dicionário de uso pode trazer a voz que procuramos.

Para finalizarmos, gostaríamos de ressaltar que as informações divulgadas neste texto são parciais e podem ser revistas em outro momento de nosso estudo. Estamos procedendo ao levantamento dos dados constantes no Borba. Ademais, verificaremos ainda as informações presentes no Bluteau, no Moraes, no Caldas Aulete, entre outras obras. Entre os etimológicos, pesquisaremos o A. G. Cunha, o Nascentes, o Pedro Machado e o hispânico Corominas e Pascual.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Margarida de. “Organização da macroestrutura: problemas metodológicos”. In: **ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOGRAFIA, LEXICOLOGIA E TERMINOLOGIA DA ANPOLL**, 22-24 de abril de 1995, UFRJ, 1. Anais. Pernambuco: EDUFPE, 1998, p. 61-81.
- BIDERMAN<sup>a</sup>, Maria Tereza Camargo. “As ciências do léxico”. In: **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Editora/UFMS, 1998. p. 11-20.
- BIDERMAN<sup>b</sup>, Maria Tereza Camargo. “Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, método e técnicas”. In: **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Editora/UFMS, 1998. p. 129-141.
- CANO, Waldenice Moreira. “Os dicionários de língua, a norma cultural e os terminologismos”. In: **ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOGRAFIA, LEXICOLOGIA E TERMINOLOGIA DA ANPOLL**, 22-24 de abril de 1995, UFRJ, 1. Anais. Pernambuco: EDUFPE, 1998, p. 205-215.
- CUNHA, Antônio Geraldo da *et al.* Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1986.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910-1989. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- HOUAISS. Antônio, VILAR, Mouro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MACHADO, José Pedro. **Dicionário etimológico da língua portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados**. Lisboa: Confluência, 1956-1969. 2 v.

MAIA, Clarinda. **História do galego-português: estado lingüístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referência a situação do galego moderno)**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1986.

MARQUES, A. H. OLIVEIRA. **A sociedade medieval portuguesa: aspectos da vida cotidiana**. 5 ed. Lisboa: Sá da Costa, 1987.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

OLIVEIRA<sup>a</sup>, Ana Maria Pinto de, ISQUERDO Aparecida Negri. “Apresentação”. In: **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Editora/UFMS, 1998. p. 7-9

STREHLER, René G. “Marcas de uso nos dicionários”. In: **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Editora/UFMS, 1998. p. 169-178.

SILVA, Antônio Morais de. **Grande dicionário da língua portuguesa**. 10 ed. rev., corrig. muito aumen. e actual.: Lisboa: Confluência, 1948.

VILELA, Mário. **Estudos de lexicologia portuguesa**. Coimbra: Almedina, 1994.

